



# BASQUETEBOL: ENTRE FALTAS, ESTRATÉGIAS E RELAÇÕES DE GÊNERO

Leandro Rodrigo Santos de Souza

Cyndel Nunes Augusto





A experiência foi realizada entre fevereiro e dezembro de 2019, com cinco turmas de 5º ano da E. E. Heidi Alves Lazzarini, tendo por objetivo ampliar e aprofundar os conhecimentos das/os estudantes acerca do basquetebol<sup>80</sup>. Iniciamos com elas/es narrando as práticas corporais vivenciadas durante as férias escolares e os locais das vivências. Querendo saber as práticas corporais ainda não contempladas nas aulas de Educação Física dos anos anteriores, solicitou-se que o registro fosse feito através de desenhos. Ao apresentarem os registros de diversas práticas corporais, um dos estudantes comentou “não jogamos basquete porque somos pequenos”, e analisando os registros das crianças, percebeu-se que o basquetebol foi uma delas. Sabendo disso, houve uma conversa com as professoras que estão há mais tempo na escola e perguntamos se algum/a professor/a de Educação Física já havia tematizado o basquetebol. Descobrimos que o último trabalho<sup>81</sup> foi realizado em 2008.

### I - “Tudo no basquete é falta?”

Ao anunciar às crianças que estudaríamos o basquete, ouvimos: “Isso é apelação, sou baixinho e não vou alcançar a cesta”; “É só lançar a bola de longe, não precisa alcançar a cesta”; “Só precisa de força e jeito”; “Eu não sei

---

<sup>80</sup> O texto está dividido em duas partes. A primeira contém informações e comentários de estudantes de todas as turmas. Na segunda, narramos apenas as aulas realizadas com a turma do 5º ano E, ambiente que acolheu a pesquisa de Cyndel Nunes Augusto.

<sup>81</sup> Experiência intitulada *Uma viagem multicultural através do basquetebol* e desenvolvida por Miguel Feth Júnior. Disponível em: <http://bit.ly/2TzAXRa>. Acessado em 22/03/2019.

jogar”. Seguimos perguntando o que conheciam sobre a modalidade, quem já havia jogado e os locais em que a prática foi realizada, quem já tinha assistido algum jogo de basquete e o que mais havia lhes chamado atenção.

Escutamos muitas respostas, dentre elas: “As pessoas são altas e fortes”; “Não pode correr segurando a bola porque é falta”; “Arremessar a bola fora da área vale três pontos”; “Tem que bater a bola no chão”; “Passar a bola para os colegas de time”; “Cada cesta vale dois pontos. De longe três”; “Não pode segurar a bola por mais de 3 vezes”; “Regras rígidas”; “Tem que fazer muitas cestas para ser titular”; “O tempo do jogo passa devagar”; “Os pontos do jogo são maiores, não são de um e um”; “Os maiores têm mais vantagens”; “Tem vários jogadores famosos: Michael Jordan, LeBron James, Stephen Curry”; “Tem os times Lakers e Chicago Bulls”; “NBA tem todos os times dos Estados Unidos”; “NBB é do Brasil”; “Muito competitivo”; “O tempo é regressivo, tipo: 5,4,3,2,1,0, acabou”.

Ainda durante a conversa, muitas crianças disseram ter jogado basquete em parques públicos (Ibirapuera e Santo Dias), no SESC, na rua, no videogame, tablets, celulares, nas aulas de Educação Física de outras escolas e aos finais de semana com familiares e colegas. Também afirmaram que já haviam assistido ao menos uma partida de basquete. A partir disso, na aula seguinte, combinamos as primeiras regras para os jogos<sup>82</sup>.

Depois das primeiras partidas, perguntamos às/aos estudantes suas percepções sobre os jogos realizados. Ouvimos respostas como: “Achei estranho que o time tinha muitas pessoas”; “As pessoas não sabem jogar, por isso ficam empurrando, batendo e puxando”; “Ninguém conseguiu fazer ponto”; “Os dois jogos foram zero a zero, porque as pessoas não conse-

---

<sup>82</sup> Regras acordadas: espaço de jogo será o mesmo destinado ao futsal; turma dividida em até 4 equipes; cesta antes da linha branca (área do futsal) vale 3 pontos, entre a linha branca e amarela (linha de fundo que demarca a área de jogo do voleibol) vale 2, e depois da linha branca (dentro da área do futsal) vale 1; se for empurrada/o dentro da área, terá direito de arremessar a bola na cesta duas vezes; não segurar a bola nas mãos por muito tempo; tem que bater a bola no chão; tocar a bola para as/os colegas; qualquer falta será cobrada da marca do pênalti em direção à cesta; terá arremesso lateral; jogo começa no meio da quadra com a bola sendo jogada para o alto.

guiam acertar a cesta”; “Não dá para jogar porque somos baixinhos. Temos que ter dois metros de altura”; “É muito alto”.

Perguntamos o que era preciso para acertar a bola na cesta. As crianças citaram força, jeito, mira, precisão, treinar bastante, agilidade, habilidade, concentração, pensamento rápido, tática, sincronização, prática, resistência, visão, altura, pular alto, reflexo, inteligência, flexibilidade. Fomos até a quadra experimentar as hipóteses citadas.



Estudantes vivenciando diferentes formas de executar o arremesso

Na aula posterior, ao conversarmos sobre a vivência, muitas/os estudantes relataram que não tinham conseguido acertar a bola na cesta. Solicitamos a quem havia acertado que explicasse para a turma como arremessavam. Algumas crianças relataram não saber explicar, outras disseram ter arremessado do jeito normal, demonstrando que arremessaram com as duas mãos. Para que pudessem demonstrar, solicitamos que formassem pequenos grupos para vivenciar os gestos.

Na aula seguinte, fizemos a leitura de alguns comentários disponíveis no site Yahoo! Respostas<sup>83</sup>, em que diversas pessoas respondem à pergunta “Como arremessar a bola de basquete?” Depois assistimos ao vídeo “Como acertar a bola de basquete na cesta | Tutorial”<sup>84</sup>, o qual apresenta

---

<sup>83</sup> Disponível em: <http://bit.ly/30BOVKr>. Acessado em 25/03/2019.

<sup>84</sup> Disponível em: <http://bit.ly/35WQ2FG>. Acessado em 25/03/2019.

as técnicas mais utilizadas para arremessar com apenas uma mão. Surgiu a seguinte dúvida: “Só arremessa com uma mão quando estiver perto da cesta?”. Combinamos de vivenciar os arremessos para que as crianças chegassem às próprias conclusões.

Após as vivências, comentaram: “Quando jogava com as duas mãos era mais fácil”; “Aprendi a fazer outro arremesso”; “Fiz logo dez cestas, mas prefiro jogar do meu jeito”; “Achei mais fácil para acertar a cesta”; “Esse jeito é bem melhor de jogar, o braço ficou parecendo uma mola”; “Gostei do jeito tradicional, que joga com as duas mãos”; “Desse jeito tem como mirar”; “Muito difícil, porque você tem o jeito de manusear, apontar onde ela vai cair e vai utilizar muita força”; “Ficou mais fácil, mas a bola é pesada”. Para visualizarem outras formas de arremessar, somado ao fato de alguns/mas estudantes nunca terem assistido uma partida de basquete, combinamos de assistir um jogo. Enquanto aguardávamos a disponibilidade da sala, realizamos algumas partidas na quadra.

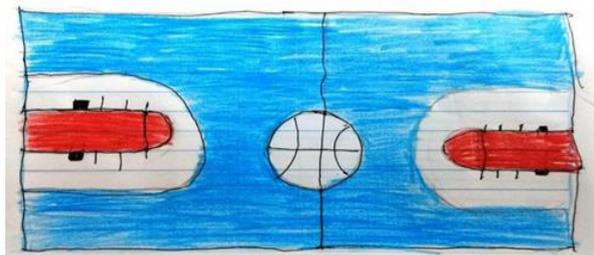
Ao assistirem parte do jogo entre Paulistano e Bauru<sup>85</sup>, as/os estudantes se dividiram e passaram a torcer pelas equipes. Quando um dos times faziam cesta, gritavam, pulavam, comemoravam, também realizavam diversos comentários e perguntas: “Falta de 3? Que falta? Foi nada”; “Foi pênalti”; “Olha o tamanho desse menino”; “Se ele fizer uma cesta de três pontos, empatam”; “Professor, por que você não trouxe um jogo da NBA?”; “O que são aqueles tracinhos em cima do nome dos times?”; “O que significa F1 e F2 que apareceu no placar?”; “O que significa o número 1º (primeiro)?”; “Cada cesta vale quantos pontos?”; “Quando a bola pega no pé não é falta?”; “Por que quando o Paulistano faz cesta, vale três pontos e quando o Bauru faz, vale dois?”; “Por que tem um funcionário que fica limpando o chão?”; “Nossa como eles são calmos jogando”; “Como assim, a bola bateu na linha do meio e foi falta?”; “Se jogar a bola do meio da quadra é três pontos, não podia ser quatro?”; “Tem escanteio?”; “Quanto tempo eles ficam na quadra?”; “Por que dois pontos, se ele só fez uma cesta?”. A assistência ao vídeo

---

<sup>85</sup> Os/As estudantes assistiram apenas o primeiro período da quinta partida da semifinal da NBB da temporada 2017/18. Disponível em <http://bit.ly/2Ro38qa>. Acessado em 19/04/2019.

possibilitou que as turmas levantassem novas dúvidas sobre a prática e compartilhassem as informações que possuíam.

Na aula seguinte, conversamos sobre o jogo assistido e outras dúvidas e comentários surgiram. Desenhamos na lousa o placar apresentado no vídeo e solicitamos que tentassem identificar as informações que lá apareciam. Identificaram os nomes e as pontuações das equipes, período de jogo, o cronômetro do tempo de jogo e de 24 segundos. Sobre os “tracinhos” que apareciam em cima dos nomes das equipes, eles poderiam estar mostrando a quantidade de erros de arremessos ou as faltas cometidas pelas equipes. Questionadas/os sobre a quadra apresentada no vídeo, relataram que era diferente da quadra utilizada para jogar futsal. Pedimos que desenhassem em seus cadernos uma quadra de basquetebol.



Quadra desenhada por um dos estudantes

Na aula seguinte, fomos até a quadra para que as crianças reconhecessem o espaço de jogo, demarcado pelas linhas específicas para a prática do basquetebol, e combinamos de organizar algumas partidas respeitando as demarcações. Após os jogos, as/os estudantes relataram: “Foi difícil de jogar, a quadra ficou menor, estava acostumado jogar com espaço da quadra de futsal”; “O jogo foi diferente, estava acostumado a jogar de outro jeito”; “Estava lendo a regra e lá falava que se encostar no outro jogador era falta”; “Jogar assim tem desvantagem, o espaço fica pequeno e todos ficam muito próximos, fica difícil jogar assim”; “Ficou mais organizado”. Diante de tantas considerações sobre o regramento, solicitamos que pesquisassem as regras do basquetebol.

As crianças compartilharam com as/os demais colegas as informações obtidas e propusemos que jogassem a partir dessas regras. Após as partidas, ouvimos comentários como: “A regra de 8 segundos é igual à regra de 24 segundos?”; “Foi chato, um dos times estava ganhando toda hora”; “Foi diferente, porque estávamos jogando só na metade da quadra”; “Meninos escolhem só meninos e as meninas só meninas”; “Conhecendo as regras é mais fácil”; “Meu time se entrosou porque cada um tinha alguma coisa de boa”; “Você, professor, deu umas faltas que não existem. Tudo era falta! Tudo era falta!”.

Perguntamos se tudo no basquete era falta. Muitas/os acabaram afirmando que sim, então selecionamos para leitura na aula seguinte alguns artigos das *Regras Oficiais de Basquetebol*<sup>86</sup> (CBB, 2017). Na sequência, organizamos novos jogos em conformidade com as regras lidas. Conversamos sobre como foi jogar conhecendo aquelas regras e recebemos respostas elencando as diferenças percebidas, que haviam gostado por conta de diversos fatores como organização e menor número de pessoas no espaço e que haviam se sentido como atletas profissionais.

Para tratarmos das infrações existentes no basquetebol, retomamos a leitura das regras oficiais, destacando as violações<sup>87</sup> e faltas<sup>88</sup> (CBB, 2017). Perguntamos novamente se tudo no basquete era falta, como muitas/os haviam afirmado. Responderam que não, pois agora compreendiam o porquê muitas vezes o jogo era paralisado. Realizamos novas partidas de acor-

---

<sup>86</sup> Lemos as regras *Um - o jogo; Dois - quadra de jogo e equipamentos; Três - equipe; e Quatro - regulamentos de jogo*, desta lemos os artigos: 8 - Tempo de jogo, placar empatado e períodos extras; 10 - Status da bola; 12 - Bola ao alto e posse alternada; 13 - Como a bola é jogada; 16 - Cesta: Quando é feita e seu valor; 17 - Reposição; 18 - Tempo debitado; 19 - Substituição; 20 - Jogo perdido por desistência; e 21 - Jogo perdido por número insuficiente de jogadores. Disponível em: <http://bit.ly/2sDBTQ8>. Acesso em 25/07/2019.

<sup>87</sup> Regra 5 e seus respectivos artigos: 22 - Violações; 23 - Jogador fora da quadra e bola fora da quadra; 24 - Drible; 25 - Andar; 26 - 3 segundos; 27 - Jogador marcado de perto; 28 - 8 segundos; 29 - 24 segundos; 30 - Bola retornada para a quadra de defesa; e 31 - Tendência de cesta e interferência.

<sup>88</sup> Regra 6 e seus respectivos artigos: 32 - Faltas; 33 - Contato: Princípios gerais; 34 - Falta pessoal; 35 - Falta dupla; 36 - Falta técnica; 37 - Falta antidesportiva; 38 - Falta desqualificante; e 39 - Briga.

do com as regras estudadas e concluímos o semestre organizando jogos amistosos entre as turmas dos quintos anos.

## II - “Nem azul, nem rosa”

Ao retornar das férias, alguns/mas estudantes fizeram breves comentários destacando suas vivências relacionadas ao basquetebol. Buscamos ouvir as opiniões sobre as aulas do primeiro semestre e ouvimos comentários como: “Gostei muito dos jogos e as meninas passaram a jogar muito bem”; “Eu não sabia jogar”; “Gostei muito, podíamos repetir essa diversão”; “Achei o basquete um jogo complexo. Se você se empenhar, você pode virar um jogador profissional”; “Muito da hora, meu time estava muito entrosado”; “Sem preconceito com as meninas”. Depois solicitamos que relessem as regras e combinamos de assistir um jogo de basquete na aula seguinte.

Durante a assistência da partida entre *Vera Cruz Campinas* e *FUNVIC/Ituano*<sup>89</sup>, ouvimos alguns comentários: “Nossa, é jogo do basquete feminino?”; “Não sabia que mulher jogava basquete profissional!”; “Essa quadra parece menor que a nossa”; “Tem que arremessar, filha!”; “Essa baixinha é muito legal, muito da hora. Ela é muito linda”.

Na aula posterior, surgiram novas dúvidas e comentários: “As meninas que estavam jogando eram altas, mas tinha uma baixinha ligeira”; “Quando o juiz vai começar o jogo, ele joga a bola para o alto, por que nos outros esportes os jogos não começam assim?”; “Não gostei do jogo porque elas são muito frágeis”, (comentário de uma menina); “Elas caem muito”; “Eu não sou frágil, sou cabra macho” (comenta uma das meninas); “Achei importante a capacidade das mulheres”; “Achei muito legal as mulheres jogando basquete. Todos têm direito de jogar basquete, não tem tamanho nem sexo para jogar”; “As mulheres não têm um penteado específico para jogar”.

Questionadas/os se notaram alguma diferença entre os jogos masculinos e femininos, apontaram que as diferenças estavam no tamanho da quadra e nos resultados dos jogos. Perguntamos se ao assistirem ou joga-

---

<sup>89</sup> Um dos jogos da Liga de Basquetebol Feminino (LBF) de 2018. Disponível em: <http://bit.ly/2R5xHBS>. Acessado em 14.09.2019.

rem basquetebol haviam tido a impressão ou a sensação de que era proibido tocar no/a jogador/a adversário/a durante o jogo. Ao responderem que sim, perguntamos quais seriam as razões disso. Explicaram: “Era dessa forma para as pessoas não ficarem se quebrando”; “O cara que criou queria inventar regras malucas”; “Porque se o basquete não tivesse falta, viraria o futebol americano”; “Como os jogos de basquete eram muito rápidos, as pessoas estavam se machucando muito, aí botaram mais regras”.

Ao questionarmos sobre a invenção do basquete, disseram que poderia ser uma criação dos gregos, norte-americanos, japoneses, espanhóis, latino-americanos, por um grupo de crianças ou até mesmo que o jogo havia sido criado por acaso. Solicitamos que fizessem uma pesquisa sobre a origem do basquetebol e respondessem algumas questões<sup>90</sup>. Durante o período destinado à pesquisa, organizamos alguns jogos.

Por conhecerem as regras e as diferentes pontuações atribuídas a cada cesta realizada, no momento de partilharem os resultados com a turma, começaram a se questionar sobre o resultado do primeiro jogo de basquete: “Como o jogo pode ter terminado 1 a 0, se cada cesta vale dois pontos?”; “Talvez, naquele tempo a cesta valesse um ponto”; “Eu não acho que foi lance livre, porque a bola foi lançada a 7,6 metros de distância da cesta, distância que valeria hoje, três pontos. Talvez não existissem essas linhas de três pontos”.

Após analisarmos os comentários, na aula seguinte fizemos a leitura do texto *The Origin of Basketball*<sup>91</sup>, em que as/os estudantes puderam conhecer, nas palavras do próprio James Naismith, como foi o processo de criação do basquete e das 13 primeiras regras. Durante a leitura, as crianças foram levantando dúvidas e fazendo comentários: “Por que os negros são os melhores no basquete?”; “Por que só os negros jogam tão bem basquete e os branquelos não?”; “Na NBA, os negros são os mais fortes, mais habili-

---

<sup>90</sup> Questões norteadoras da pesquisa: “Quem inventou o basquete?”; “Cidade e país em que foi inventado?”; “Por que foi inventado?”; “Como foi inventado?”; “Como foram os primeiros jogos?”.

<sup>91</sup> Disponível no livro *Basketball Its Origin and Development* de James Naismith e Clair Bee. Association Press: New York, 1941.

dosos. Veja os jogadores Stephen Curry, Michael Jordan, LeBron James, Shaquille O'Neal, Allen Iverson, James Harden, Kyrie Irving, Kobe Bryant, Isaiah Thomas, Dennis Rodman, Magic Johnson, Russell Westbrook, todos os negros.”; “Eu acho que os negros e os morenos jogam melhor, sem preconceito, porque nós morenos jogamos com raça”.

Perguntamos o motivo dos comentários e se as meninas não queriam participar, já que os meninos que estavam falando. Responderam que viam os jogadores negros melhores do que os brancos, mesmo havendo bons jogadores brancos; que as meninas, na Educação Física, sempre ficavam brincando na aula e não participavam e essas, por sua vez, não se colocaram nessa discussão, mesmo quando os meninos perguntaram por que elas não participavam ou quando perguntamos o que elas achavam daqueles comentários. Terminada a leitura do texto, mostramos imagens de Naismith e dos primeiros jogos<sup>92</sup>. Ao fim dessa aula, combinamos que faríamos alguns jogos de acordo com as primeiras regras<sup>93</sup> do basquete mencionadas no texto e substituímos a cesta por um balde de plástico preso junto à trave.

---

<sup>92</sup> Imagens apresentadas: de James Naismith; Livro de regras; primeira quadra de basquetebol no Springfield College; primeiros jogos de basquete feminino e masculino; e primeiras equipes de basquetebol. Imagens de autoria desconhecida, disponíveis em: <http://bit.ly/30t4G6u>. Acessado em: 16.09.2019.

<sup>93</sup> Cada cesta convertida teria o valor de um ponto; a cada três faltas consecutivas realizadas por uma das equipes seria um ponto para equipe adversária; cada duas faltas cometidas pela mesma pessoa, ela deveria sair do jogo e só poderia voltar quando uma das equipes fizesse cesta.



Jogos de acordo com as primeiras regras do basquete de 1891

Após as partidas, as/os estudantes relataram ter gostado de jogar com aquelas regras e o balde colocado não tão alto quanto a cesta facilitou para fazer os pontos. Seguindo na investigação do porquê do basquete ter tantas regras e se de fato tudo era falta, perguntamos, por que as regras do basquete mudam de tempos em tempos e quais mudanças observaram. De acordo com as/os estudantes, as alterações das regras ocorrem para que o jogo pudesse evoluir, tornando-o mais competitivo e interessante, ou para deixá-lo mais fácil ou difícil. Apontaram a alteração das cestas, inclusão das tabelas, quantidade de jogadoras/es, pontuação, tempo de jogo e roupas utilizadas por atletas. Simultaneamente, identificamos as principais mudanças nas regras (pontuação e quantidades de faltas) entre os anos de 1891 e 1980, a partir das leituras dos textos *The Penalties*<sup>94</sup> e *A Era dos 3 pontos na NBA – Parte 1*<sup>95</sup>. Encerramos a conversa combinando que faríamos jogos de acordo com as modificações citadas.

Na aula seguinte, demos início às partidas de acordo com as modificações apresentadas<sup>96</sup>. Também convidamos um árbitro profissional para conversar com as crianças. Entusiasmadas com a ideia, elaboraram uma lista de

<sup>94</sup> Disponível no livro *Basketball Its Originand Development* de James Naismith e Clair Bee. Association Press: New York, 1941.

<sup>95</sup> Disponível em: <http://bit.ly/2syqa5d>. Acessado em 31/10/2019.

<sup>96</sup> Cada cesta convertida resultaria em 3 pontos e 1 ponto para cada falta sofrida.

questões e algumas nos chamaram a atenção: Por que os negros se destacam mais do que os brancos? Por que os jogadores negros se envolvem em crime e gangue e são presos? Por que os homens se destacam mais no basquete?

Quando indagadas, as crianças se manifestaram: “O homem tem mais habilidades, o homem é mais rápido, a mulher corre que nem uma tartaruga”; “A mulher é mais habilidosa do que o homem”; “Os homens têm mais liga pra jogar, mais patrocínio. Tipo na NBA, não tem tanta mulher, e também tem poucas ligas pras mulheres jogarem, aí quando tem uma liga elas se divertem”. Durante os comentários, perguntamos à turma o que achavam sobre o que estava sendo dito, mas as meninas não se posicionaram sobre o que os meninos estavam falando. Quanto à pergunta feita sobre os negros jogarem melhor do que os brancos, as crianças concluíram que não conseguiam chegar em uma boa hipótese do porquê. Combinamos de esperarmos a conversa com o árbitro para ver o que ele teria a dizer sobre essa e as demais perguntas.

Organizamos mais algumas partidas com as regras antigas do basquete. Antes de iniciarmos os jogos, relembramos as regras<sup>97</sup> e uma das meninas da turma se voluntariou a ser árbitra da partida, já que geralmente os meninos pediam para ocupar esse lugar.

Durante os jogos, percebemos que os meninos questionavam mais intensamente a árbitra sobre as faltas marcadas. Um dos meninos que nunca gostou de ser questionado pelas/os demais colegas quando atuava como árbitro, abordou a árbitra para dizer que ela estava apitando errado e que ela não sabia o que estava fazendo. Em determinado momento, ele pediu para apitar, pois achava que ela não desempenhava bem o papel, pedido recusado pela estudante. Nesta situação, tivemos de intervir com o aluno, pois ignorava a negativa da árbitra sobre ceder sua função.

Ao final, algumas meninas dos times que estavam em quadra relataram estarem incomodadas com a forma como a partida ocorreu. Suas falas marcavam como as relações de gênero ditavam o ritmo dos jogos: “A gente

---

<sup>97</sup> Nesses partidas cada cesta convertida continuava valendo 3 pontos e cada falta resultava em um lance livre, a 6 metros de distância.

poderia tirar todos os que mais aparecem no jogo e deixar os que menos aparecem, porque eles não tocam a bola.”; sobre quem não passa a bola, as meninas disseram- “várias pessoas, os que são os melhores.”; “A gente fica assim ó - mostrando que estão paradas - porque a gente sabe que a gente não vai receber a bola”; “A gente já falou pra eles ‘passa a bola’”; “Porque eles são os únicos que pegam na bola, eles não sabem trabalhar em equipe.”- sobre como as meninas acham que os melhores jogadores da sala agem. “Tipo assim, ‘pula, aquela menina é melhor, então eu não vou passar a bola pra ela, eu jogo pro meu outro amigo que é melhor, senão a gente vai perder” - sobre como elas acreditam que os meninos pensam.

Concomitante ao diálogo, outros dois times se enfrentavam na quadra, o que possibilitou às meninas usarem recortes daquela partida para exemplificar seus pensamentos. Mostraram situações em que ouviam as meninas dos times chamando os meninos para que pudessem jogar, mas eles ainda assim monopolizavam a bola e jogavam individualmente ou com a parceria de outros meninos. Isso justificava, para elas, a necessidade de haver um momento em que pudessem jogar somente entre meninas, para que tivessem uma partida em que todas jogassem efetivamente, sem ficar à margem da atuação dos meninos. Tentamos instigá-las a falarem aos meninos para que percebessem o incômodo delas com relação à forma como eles jogavam, já que esse assunto nunca tinha sido colocado dessa maneira por elas. Ao fim, percebemos que elas queriam que mediássemos o processo para propor uma mudança de estrutura na constituição dos times (só de meninas e só de meninos).

Pensando nos diálogos estabelecidos, bem como nas perguntas feitas e nos comentários cotidianos das/os estudantes, na aula seguinte fixamos na lousa diversas falas<sup>98</sup> pronunciadas durante as aulas, para que servissem de

---

<sup>98</sup> Falas fixadas na lousa - “Por que os negros jogam tão bem? E os branquelos nem jogam?”; “Eu acho que os negros e os morenos jogam melhor, sem preconceito, porque nós morenos jogamos com raça.”; “Teve uma época que a NBA foi racista, porque eles só podiam entrar de terno, não podiam entrar de corrente, porque os caras gostam de entrar no estilo né.”; “Eu não acho certo só os meninos falar, os mesmos direitos que os meninos têm as meninas têm também.”; “As meninas só ficam brincando na quadra.”; “Por que os negros se destacam mais do que os brancos?”; “Por que os jogadores negros se envolvem em crime de sangue e são presos?”; “O homem tem mais habilidades, o homem é mais rápido, a mulher corre que

disparador para uma discussão. Pedimos que lessem as frases e expressassem suas opiniões a respeito. Algumas crianças identificaram as frases como suas, outras não perceberam que foram autoras daqueles dizeres.

Os meninos iniciaram a discussão dizendo que achavam que as meninas deveriam se esforçar mais, participar mais da aula e com atenção, parar de conversar, observá-los jogar para aprenderem, justificando que não passavam a bola porque preferiam passar para alguém em quem confiassem e que faria o ponto para o time. As meninas entraram na discussão discordando dos colegas. Explicaram que não era falta de habilidade, mas cuidado para não se machucarem durante os jogos e que não se tratava de falta de dedicação e sim falta de coletividade dos colegas, pois eles não passavam a bola e, mesmo fazendo parte da equipe, os meninos preferiam passar a bola apenas entre eles.

Durante a conversa, parte dos meninos e meninas que buscavam coletivamente maneiras de se fazerem presentes nas aulas, retomaram a ideia de montar times de meninas e de meninos, pois assim os meninos poderiam jogar com toda sua competitividade, destreza e agressividade (características citadas por elas e as quais disseram ter medo) e as meninas poderiam, segundo os meninos, olhar para eles jogando, aprenderem e depois jogar entre elas, ao mesmo tempo que, na visão delas, esse momento seria importante para que elas tivessem garantido o espaço onde elas se sentissem à vontade para jogar.

Exposto isso, buscamos avançar na proposta a partir da assistência ao vídeo *Invisible Players*<sup>99</sup>, da ESPN, o qual abordava a visibilidade da mulher e do homem em diferentes modalidades esportivas. Bem como no vídeo, onde as pessoas convidadas eram questionadas sobre quem eram as/os atletas que haviam feito o gol, a cesta e surfado a onda gigante mostrados, propusemos que as crianças também respondessem quem havia realizado cada uma das ações. Elas citaram apenas nomes de atletas homens. Sobre

---

nem uma tartaruga”; “A mulher é mais habilidosa do que o homem”; “Os homens têm mais liga pra jogar, mais patrocínio, tipo, na NBA, não tem tanta mulher e também tem poucas ligas pras mulheres jogarem, aí quando tem uma liga elas se divertem.”

<sup>99</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqjo>. Acessado 15/10/2019.

a cena do futebol, citaram Neymar, Messi, Ronaldo, Ronaldinho, Pelé, Felipe Coutinho e Marcelo. No basquete, Emerson, Michael Jordan e Yago. Já no surf, lembraram-se de Medina e Victor. Ao descobrirem que as ações mostradas foram executadas por atletas mulheres em sua totalidade, as crianças ficaram surpresas. Algumas relataram: “fiquei chateado por não ter falado nenhuma mulher”; “me sinto uma formiga”; “nunca ouvir falar esses nomes”; e “eu preciso aprender mais sobre esporte”.

No encontro seguinte, estudantes das turmas de 4° e 5° anos do período vespertino e alguns do matutino participaram da conversa com o árbitro Saulo Carvalho, na qual elaborou um diálogo a partir dos questionamentos encaminhados e abriu espaço para mais perguntas e colocações ao final de sua fala. Ele contou detalhes de sua vida, relatando que foi jogador de basquete até os 20 anos, citou as dificuldades para o exercício dessa profissão. Para continuar na modalidade que tanto gostava, tornou-se árbitro após passar por diversos cursos. Atualmente apita profissionalmente jogos nacionais e escolares, sendo também professor de Educação Física e coordenador pedagógico em uma escola estadual. Também comentou algumas regras da modalidade e especificidades do trabalho de árbitro.



Árbitro respondendo questões elaboradas previamente pelas crianças

Quanto a participação de negros e brancos no basquetebol, ele respondeu que os negros jogavam melhor por uma questão de genética, que favorecia um maior desempenho em esportes de impacto, mas também existiam bons jogadores brancos. Além disso, salientou que nos Estados Unidos há incentivo desde muito cedo à participação das crianças no es-

porte, principalmente no basquete, e isso favorece que determinados grupos sejam mais participativos. Sobre a existência de árbitras, respondeu que nem sempre o acesso à arbitragem foi permitido às mulheres e que por um período elas apitavam apenas jogos femininos. Citou que atualmente existem árbitras mulheres em jogos profissionais ou estudantis.

Iniciamos a aula seguinte querendo saber a opinião das crianças sobre a visita do árbitro. Elas ficaram contentes por ele ter prestado atenção em todas as perguntas e tudo o que era solicitado e surpresas por ter sido a primeira experiência dele como palestrante. Também destacaram as explicações dadas sobre os negros no basquetebol: “Ele falou que por causa do basquete ter nascido nos Estados Unidos, o negro tem mais naturalidade com o basquete”; “Ele falou que os negros têm mais habilidade que os brancos mesmo por causa da genética dos negros”; “Eu acho que ele falou da genética, porque antigamente os negros eram escravizados e eu acho que a genética do negro é mais forte, por isso jogam assim”.

Pensando nas conversas e na palestra, anunciamos que daríamos continuidade à realização de jogos utilizando as regras atuais da modalidade. Embora tivessem sugerido, naquele momento, que só as meninas escolhessem os times, conversaram e definiram que duas meninas e dois meninos fizessem as escolhas. Terminados os jogos, perguntamos às crianças o que tinham achado tendo em vista tudo o que havíamos discutido até então. Ouvimos: “Sobre o fato dos meninos falarem que as meninas não jogam, acho que hoje as meninas jogaram mais. Todas as meninas que eles falaram que não estavam num nível bom, hoje eu acho que elas jogaram melhor”; “Pra mim algumas meninas evoluíram bastante e outras têm que se dedicar mais pra chegarem no nível das outras”; “Então, a gente conversou com alguns meninos do meu time e eles começaram a passar a bola para algumas meninas também e ficou melhor, e a gente ganhou”; “Eu achei bonito da parte da M. ter escolhido bastante menina e só um menino. Eu tinha falado com o professor sobre isso mesmo, de escolher mais meninas e um menino. Mas se fosse só dois meninos ou um, nós íamos se dedicar mais a elas, elas iam melhorar e nós íamos confiar mais nelas do que em nós mesmos. Nós íamos ter total confiança de tocar e elas fazer o que podem e nós não tomar cesta.”

Aparentemente, algumas meninas se sentiram mais confortáveis em quadra após perceberem que poderiam ter parcerias com alguns meninos que se mostraram mais dispostos a trabalhar em equipe. Enquanto isso, para outros, nada tinha mudado, pois as meninas continuavam brincando durante as partidas e ainda não estavam dispostos a confiar nelas. Ao fim da aula, três crianças ficaram na quadra para conversar conosco, pedindo nossa ajuda para mediar a situação. Dentre o que foi falado, algumas pontuações foram bem importantes para pensarmos os próximos passos com a turma: “Eles falam que as meninas não estão evoluindo. Qual dos meninos que joga bem? Tem uma parte das meninas também que joga bem. Mas na opinião deles, eles falam que tem só alguns meninos que estão evoluindo. Não é a opinião deles? Então, mas por que tá um monte de falação que as meninas não estão jogando bem?”; “Acho que tem que ter uma aula só pras meninas jogarem e os meninos verem como estão jogando, pra ver o potencial delas, prestar mais atenção”; “Igual o V., a bola só fica com ele, ele não dá pra nenhuma menina que tá no time dele, porque ele acha que as meninas não vão fazer ponto. Ele disse lá na sala que as meninas não vão conseguir fazer, que ele vai porque ele é alto, tem menina que é alta, que consegue. Só que ele acha que as meninas não têm potencial pra fazer uma cesta, ele acha que só os meninos, porque ele é alto”; “Na minha opinião, os meninos só falam das meninas, eles não sabem falar do jogo, os meninos que jogam ruim. Uma menina joga ruim, ele vai falar da menina que joga ruim e não dele. Aí os meninos que tá jogando não deixam as meninas jogarem do jeito que as meninas querem, eles querem jogar do jeito que eles querem pra fazer a cesta”.

Após a conversa, indicamos para essas crianças que, nas próximas aulas daríamos sequência às propostas, garantindo um espaço para pensarmos sobre o que vinha acontecendo e produzir outras estéticas de jogo. Na aula seguinte, antes de começarmos a conversa previamente combinada, avisamos que na próxima aula teríamos a presença de dois atletas de basquete. Bruna Hara, atleta e técnica de basquete universitário e Thiago, ex-atleta de basquete profissional e atualmente atleta universitário.

Convidamos as crianças a fazerem perguntas sobre assuntos que lhes interessavam. As perguntas feitas ao Thiago eram mais ligadas à trajetória dele, enquanto as da Bruna mais relacionadas a possíveis preconceitos que

poderia ter sofrido por ser mulher e esportista. Destacamos que isso já mostra a perspectiva que as crianças têm de que existe uma diferenciação entre homens e mulheres no esporte.

Ao retomarmos o vídeo *Invisible Players*, as crianças responderam que: “eles acham que a mulher não tem as mesmas habilidades que os homens para jogar”; “o nome das mulheres não é tão destacado na humanidade quanto o dos homens. Porque às vezes as mulheres não têm tanta habilidade, sempre os homens estão em primeiro lugar e às vezes eles não olham para as mulheres que também são muito boas. A Marta é muito, muito boa no futebol, ela é a melhor do mundo no futebol. Então, eu acho que às vezes a gente tem que olhar mais pras mulheres porque os homens estão lá no sucesso também, mas temos que olhar pros dois igualmente”; “Eu acho que nós homens temos uma dificuldade, certo? Mas acho que os homens têm mais oportunidade do que as mulheres, porque eu pesquisei muito no Google quando vai ter jogo do feminino e teve um dia que fiz uma pesquisa do jogo do Corinthians, e jogo feminino é muito difícil você encontrar um, tipo na Globo, na Band. Já os homens não, toda quarta e todos os domingos eles jogam, tanto na Globo, na Band, em qualquer canal. Acho que mulheres só têm uma oportunidade, porque a pesquisa que eu fiz só foi 5% e os homens foi 95%”; “Todos os jogos que notei da minha família, quando a gente é criança a gente joga no intervalo do jogo, e os meninos são a maioria, os filhos dos meus tios. Um dia eles não queriam deixar eu e minhas primas jogarem. Aí a gente jogou contra eles e ganhou de 3x0. Então, às vezes, não é que as meninas não têm potencial ou são mais fracas, às vezes elas têm medo de se machucar, não é exatamente medo, às vezes é precaução de se machucar. Os meninos não, eles rolam no chão, essas coisas, mas a gente ganhou de 3x0.”; “Eu acho que os homens são mais fortes do que as mulheres, por isso que eles se aposentam na casa dos 40, porque no futebol eu fiz essa pesquisa e no futebol feminino se aposenta com 30 anos”.

Questionamos as crianças sobre quantas meninas e meninos jogadoras/es de basquete conheciam. A resposta da turma nos mostrou que havia uma discrepância em quantas delas conheciam atletas mulheres, quando comparado aos homens. Um estudante comentou conosco que treina em um clube e que, nesse clube, existem atletas profissionais que treinaram lá e que se

esforçaram para começar o treino na idade certa (sinalizou ser com aproximadamente 12 anos), “que é quando você tem maturidade para pegar ônibus sozinho/a e ir em busca de seus sonhos”. A partir disso, perguntamos a turma se todos/as têm de fato essa mesma oportunidade de ir treinar em clubes, quais fatores influenciam para que as pessoas possam ou não acessar esses espaços e o quanto a dificuldade de acesso às práticas, seja em clubes ou não, pode fazer com que a pessoa se sinta mais ou menos confortável com determinadas práticas corporais. As falas levantadas posteriormente foram de que, se você acessa uma prática tardiamente, você tem menos chances de ter determinado desenvolvimento e, nesse sentido, meninos e meninas têm, geralmente, acesso a práticas diferentes e em diferentes momentos da vida.

Vimos a necessidade também de refletir que existe uma conjuntura maior que inviabiliza e influencia no acesso a determinados espaços e que não se reconhecem as diferentes formas de vivenciar as práticas corporais, como o basquetebol. Questionamos as crianças, nesse momento, sobre quais eram os espaços públicos e privados existentes no Capão Redondo<sup>100</sup> onde poderiam ter vivências como as que estavam narrando, bem como quem eram aquelas pessoas que vivenciavam. As crianças mostraram não conhecer muitos espaços no bairro, trazendo somente o exemplo do Sesc.

Outro ponto é marcado pelo pedido de uma estudante, quando expõe aos demais seus incômodos sobre alguns comentários dos colegas realizados no decorrer das aulas, os quais apontavam que determinadas meninas não sabiam jogar e não evoluíam. Ela adverte os colegas dizendo que eles deveriam se atentar, pois existiam outras meninas na sala de aula e elas também mereciam respeito, já que nunca nenhuma delas havia apontado se os meninos não jogavam bem e se evoluíam ou não. Segundo ela, da maneira como estavam colocando, a situação não estava sendo respeitosa, e eles criavam um cenário onde todas as meninas eram vistas como não habilidosas.

Ao trazer à cena que estas falas fazem com que as meninas se sintam mal consigo mesmas e desmotivadas a participar, deixamos que as crian-

---

<sup>100</sup> Bairro onde se situa a escola.

ças expusessem o que estavam sentindo para que suas vozes fossem ouvidas. Atuamos somente na mediação do diálogo: “Eu sou um menino, eu devia estar apoiando eles, mas eles não olham pra eles, eles não sabem que as meninas têm o direito delas. Eles não sabem o que as meninas sentem”; “Então eu comentei isso na aula passada quando o G. disse que as meninas não se dedicam, eu perguntei ‘G. você perguntou pras meninas se elas se dedicam ou não?’. Às vezes as meninas estão se esforçando pra conseguir pegar a bola e essas coisas, mas às vezes os meninos não passam, ela tá na frente e eles jogam pra outra pessoa, eles não olham pra si mesmos e pros erros deles durante o jogo”; “A sensação de conseguir jogar, de eu estar me sentindo útil no time, pra equipe. Porque na quadra a gente se sente inútil quando alguém não passa pra ela, quando a pessoa da equipe dela tá na frente dela e não passa a bola. O time é trabalho em equipe, cada um passar pro outro e ganhar o jogo.”- resposta da S. após ser questionada pelo V. sobre como ela havia se sentido quando ela quase fez uma cesta.

Ao final dos comentários, assistimos a alguns vídeos gravados nas aulas em que as próprias crianças estavam jogando basquete, para que pudessem se observar em quadra. Encerramos a aula, elaborando uma lista de coisas que elas consideravam possíveis de serem feitas para que todas tivessem um espaço respeitoso e seguro para jogar. Citaram respeitar mais as meninas, se colocar no lugar da outra pessoa e não monopolizar a bola.

Combinamos de jogar na aula seguinte, após as conversas com a atleta Bruna e o atleta Thiago, com o intuito de fazer com que as crianças ampliassem o olhar sobre como podemos criar um espaço mais plural e democrático no basquete e nas diferentes práticas corporais presentes na sociedade.

No dia seguinte, tivemos a visita da nossa convidada e do nosso convidado. As turmas de 4° e 5° anos da tarde, junto com algumas crianças da manhã e familiares, acompanharam a proposta. Ambos narraram suas trajetórias no basquete, suas vivências e como que se conectavam com ela atualmente.



Bruna e Thiago narrando suas trajetórias no basquetebol

Na fala da Bruna, por conta das perguntas enviadas, foi possível um recorte de gênero, onde ela analisou o preconceito ainda latente com relação às mulheres no esporte e da falta de incentivo, patrocínio e visibilidade. Falou sobre os preconceitos que sofreu em determinados momentos por ser técnica de times masculinos, e que sentia que os homens não levavam mulheres técnicas a sério tão facilmente, tendo elas que reafirmar suas qualidades e potencialidades o tempo inteiro para serem aceitas.

O outro ponto importante da conversa foi durante o momento de perguntas, onde as crianças perguntaram para o Thiago se ele já havia sofrido algum preconceito por ser negro e o que ele achava sobre os negros serem mais habilidosos do que os brancos no basquete. Ele disse que havia sofrido preconceito em diversos momentos, onde pessoas negavam o espaço a ele somente pelo fato de ser negro, e disse que não acreditava que os negros eram melhores do que os brancos no basquete, mas que isso era uma construção social e que as oportunidades de acesso às práticas também colaboravam para que determinados corpos estivessem presentes em alguns espaços e em outros não.

Pudemos observar, também, a forma como as crianças se organizaram para a realização das perguntas após as falas iniciais dos/as convidados/as. O professor Thiago recebeu um número muito maior de questionamentos e com curiosidades que percorriam sua trajetória, suas experiências, curiosidades sobre regras e história do basquete, enquanto à Bruna menos perguntas foram feitas, a maioria por meninas e se direcionavam muito para que ela expusesse

o que achava sobre o preconceito que a mulher sofria nos espaços esportivos, falasse sobre suas próprias vivências com relação a isso e o que ela achava que poderia ser feito para esse cenário mudar. Ao fim, as crianças se organizaram para uma sessão de fotos e autógrafos de ambos, se mostrando muito animadas com a presença de atletas da modalidade na escola.

Na aula seguinte, enquanto conversávamos com os/as estudantes sobre o papo com Thiago e Bruna, muitos/as relataram que ficaram impressionados com a altura do Thiago, outros chamaram nossa atenção a respeito da participação efetiva dele e da Bruna na aula: “Professor, acho que surgiu mais perguntas pra ele porque ele tava mais à vontade. A menina tava mais tímida, meio nervosa. Ele tava mais calmo”; “Professor, eu discordo, eu acho que foi muito preconceito. Eu acho que foi mais pergunta pra ele do que pra ela. Nós não tava acreditando que ela fazia muita cesta que ela jogava bem por causa da altura dela. Acho que foi preconceituoso.”

Demos mais espaço para as crianças comentarem sobre o que tinham achado e retomamos essa ideia do porquê a participação dele pode ter sido maior do que a dela, além da resposta que o Thiago deu sobre a questão da participação de negros e brancos no basquete. Diferentemente do Saulo, Thiago levantou questões culturais e históricas para justificar a participação de determinados corpos nas diferentes práticas, além de refletir sobre como o racismo é um fator que pode vir a afastar negros do esporte em determinados momentos.

Depois desse momento, retomamos com as crianças a lista feita por elas sobre quais seriam as ideias para deixar um jogo de basquete mais confortável para todos/as participarem e fomos para a quadra jogar. Após duas partidas, encerramos a aula com uma conversa sobre o que elas tinham achado daquele dia, se a lista tinha sido uma boa estratégia para que de fato o jogo fosse efetivamente para todas as crianças participarem e como elas haviam experienciado aquele momento. Algumas falas transcrevem bem o momento: “Professora, quando eu tava jogando, o jogo terminou e eu já ouvi reclamações. O G. chegou em mim e falou que a Y. tava brincando com o chiclete com a mão. E o que eu ouvi na aula passada, que era pros moleques tocar mais a bola pra ela e ter mais confiança nela, eu gostei muito desse jogo, o último que teve aqui agora, a N. participou bastante,

mas tem algumas meninas que só querem brincar e não querem jogar não. A brincadeira tá demais”; “Então, nas últimas aulas a gente tá aprendendo que a diferença tem que vir de todos, não só de uma parte? É isso?”; “Eu achei um jogo ótimo, todas as pessoas que jogaram no meu time jogaram pra mim, o V. também”; “Eu percebi que não tem um jogar bem. Cada um tem suas qualidades no jogo. A gente não tem que ficar apontando que a pessoa não corre, que a pessoa não faz aquilo. Todo mundo tem suas qualidades e seus defeitos e a gente não precisa ficar apontando um dos outros.”

Conversamos com as crianças a fim de sugerir que, no momento em que percebessem que há alguma criança desatenta ao jogo, que chamassem sua atenção de maneira à convidá-la a participar, frisando que a contribuição dela é importante já que o jogo é coletivo, ao invés de dizer que ela não está participando.

Na aula seguinte, iniciamos perguntando quais times de basquete feminino conheciam, e elas responderam que já haviam assistido jogos dos times Bauru, Flamengo, Corinthians, São Paulo, Santos e Paulistano. Quando questionadas/os sobre times de basquete do bairro, apenas duas crianças afirmaram conhecer pessoas que participavam de times com essa característica. Em seguida, assistimos parte do vídeo *Rachão Basquete Feminino*<sup>101</sup>, em que mulheres de diferentes idades se reúnem para jogar basquete em uma quadra pública. Durante a assistência, algumas crianças elogiaram as atletas apresentadas, dizendo que elas jogavam muito bem.

Perguntamos se achavam que as meninas estavam jogando basquete profissional. A turma concluiu que não e destacamos que ali as mulheres se reuniam para jogar basquete. Uma menina questionou as/os colegas perguntando “Será que se nós meninas ou todas as meninas aqui da sala, se [os meninos] deixassem a gente jogar mais, a gente conseguiria quase jogar igual a elas?”. A maioria dos meninos afirmou que sim. Um dos estudantes chegou a afirmar que “elas conseguiriam até jogar melhor, mas só se se dedicassem, e se elas se dedicassem bem, passaria até os meninos”.

---

<sup>101</sup> Apresentado até 2’52”. Disponível em: <http://bit.ly/362panL>. Acessado em 23/11/2019.

Diante de algumas provocações que fizemos<sup>102</sup>, um estudante relatou: “Pensando no que o professor falou no começo da aula, que na outra escola os meninos têm espaço na quadra e as meninas não, as meninas tinham que ter mais oportunidade do que os homens, porque é muito preconceito em cima delas. Depois que vi as meninas jogarem, rezei para que as aulas de segunda e terça chegassem logo para falar. Eu comecei a acreditar mais no que vimos no comercial, passei a observar as meninas jogando e percebi as diferenças das meninas. Elas pegando mais na bola, as meninas estavam correndo, as meninas estavam tentando fazer cesta. Percebi que em qualquer esporte os meninos têm mais espaços que as meninas, eu acho que as mulheres sofrem mais preconceitos”.

Questionado sobre o porquê achava que as meninas estavam pegando mais na bola e participando mais, ele responde que os meninos estavam prestando mais atenção nelas e confiando mais. Após destacarmos que isso foi uma mudança de olhar dos meninos, perguntamos a opinião das meninas. Elas relataram que acharam os jogos divertidos pois conseguiram pegar na bola e destacaram que os meninos pararam de falar das meninas.

Em seguida, dois meninos relataram que se sentiram excluídos durante os jogos, porque ninguém passava a bola para eles e só conseguiam pegar a bola quando corriam atrás dela e que, quando pegavam, tinham que passar a bola para determinados meninos, e eles não passavam mais a bola depois. Essa fala foi importante para desestabilizar as ideias de identidades fixas de meninos e meninas. Ressaltamos o fato de que alguns meninos também estavam se sentindo excluídos, e que deveríamos pensar se estava havendo coletividade nos jogos ou se as pessoas têm tentado jogar sozinhas. Um dos meninos pediu desculpas e justificou dizendo que não tocou para eles porque, na aula anterior, optou por confiar mais nas meninas. Ao perguntarmos se era necessário deixar de confiar nos meninos para confiar nas

---

<sup>102</sup> Reflexões levantadas às crianças: “Muitas pessoas dizem que para adquirir experiência no basquete elas têm que jogar, mas onde elas podem jogar? Quando jogar? Dá para jogar na escola? Ao entrar em um time, ela consegue jogar? As pessoas que jogam comigo, me deixam jogar? Será que as pessoas que estão comigo, jogam um esporte coletivo ou jogam sozinhas? Será que as pessoas me incentivam a jogar ou ficam falando palavras negativas que me fazem sentir mal?”

meninas, as crianças foram unânimes ao responder não e outros afirmaram que a confiança deveria ser a mesma para ambos.

Passamos a conversar sobre as estratégias de jogo, perguntando aos/às estudantes em quais situações e momentos passariam a bola para os/as colegas de equipe. Disseram que, quando os times forem compostos por meninas e meninos, será mais fácil tocar a bola para as meninas, pois por acharem que os meninos jogam melhor, muitos iriam marcar os meninos. Questionamos as crianças se isso não deixaria as meninas com mais chances de receber a bola e com maior facilidade de fazer a cesta. Diante dessa colocação, perceberam a importância de criarem estratégias para conseguir deixar uma pessoa em melhores condições para fazer a cesta, sem ter como prioridade o gênero dessa pessoa. Algumas crianças apontaram que, mesmo elas estando mais livres, muitos ainda preferiam passar a bola para outros meninos da equipe que, segundo eles, se destacam tecnicamente. Uma aluna ressaltou a importância de um jogo coletivo, já que o trabalho em equipe leva a mais chances de se construir um bom jogo. Isso posto, encerramos a aula assistindo os minutos finais da partida entre Brasil e EUA<sup>103</sup>, em que disputavam o título Pan-americano de basquetebol de 2019, com o objetivo de apresentar às crianças mais times femininos e, nesse caso, a trajetória da seleção brasileira feminina de basquete.

Na aula seguinte, pedimos que as crianças anotassem uma consigna para fazer um comentário para o próximo dia sobre o que estavam achando das aulas naquele semestre. Em seguida, dissemos que a partir dos pedidos delas, iríamos separar times femininos e masculinos para a realização dos jogos. Ao longo das partidas, percebemos que enquanto algumas meninas se atentavam em ver os meninos jogando, sem quaisquer comentários sobre como jogavam, os meninos observavam elas jogando com o intuito de comentar sobre a forma como faziam isso, dizendo que o jogo estava confuso, pois todas ficavam correndo atrás da bola sem se espalhar pela quadra. Embora eles e elas jogassem de formas muito parecidas, os

---

<sup>103</sup> Apresentamos os primeiros 4 minutos do vídeo. Disponível em: <http://bit.ly/36a61Ag>. Acessado em 30/11/2019.

meninos sempre tinham pontos a criticar no jogo das meninas. Mesmo não reconhecendo o modo como jogavam, eles consideravam as meninas inaptas a jogarem independentemente do que vissem na quadra. Percebia-se um discurso enraizado.

No fim da aula, questionamos as crianças sobre o que elas acharam daquele momento e as desafiamos a destacarem somente o que acharam de positivo, sem considerarem que determinado/a colega tinha jogado, segundo as concepções deles/as próprios/as, bem ou mal. Ouvimos: “Eu achei que o V. trabalhou bem mais a bola com os colegas. E o meu time, ele agiu muito mais coletivo, um ajudando o outro”; “Eu achei o jogo melhor, eu acho que a gente devia jogar mais jogos assim. Eu achei que as meninas pegaram a bola, sentiram confiança uma na outra e eu me senti forte no jogo com elas passando a bola”; “Eu achei muito legal só as meninas jogar sem os meninos pra gente aprender mais um pouco, sozinhas. Pra gente ter mais habilidade com a bola, pra gente jogar bem”; “Sem a pressão dos meninos. Mas teve uma parte que o V. ficou gritando e isso desconcentra a gente também. ‘A., para de brincar’. Isso eu achei errado da parte deles. Quando ele tava jogando ninguém falou”.

Ao narrarem o incômodo causado pela intervenção de um dos meninos enquanto jogavam, as estudantes demonstraram que se sentiram muito mais à vontade, já que, em times femininos, elas se sentiam confiantes em jogar, felizes por perceberem que elas podem ocupar aquele espaço e que têm, umas nas outras, pessoas de confiança e de apoio. Percebemos, ao longo do percurso, um discurso que marca a necessidade de uma determinada performatividade e desenvolvimento nas aulas, aspecto este que tentávamos ressignificar através das propostas desenvolvidas.

No dia seguinte, recolhemos a atividade solicitada na aula anterior com respostas como: “ontem fiquei muito feliz porque o meu time venceu por causa do trabalho em equipe e confiança umas nas outras” e “eu estou ajudando mais o meu time e eles estão me ajudando”. Isso mostrava a importância da participação de todos/as os membros do time. Percebemos, também, um discurso de maior confiança, força e apoio por parte das meninas, importante neste processo de reflexão sobre as identidades discursivamente construídas- “me senti durante os jogos muito especial

porque joguei e me diverti, e aprendi a ajudar os meus amigos com os erros deles”; “aprendi que não importa qual sua altura e sua idade e o esporte que você jogue, eu sou boa em tudo que eu faço e pela primeira vez, ontem, me inspirei nas minhas amigas”. Pudemos perceber que o reconhecimento à diferença e à individualidade, a importância da coletividade e participação conjunta em um esporte que é coletivo e a confiança no grupo estavam ficando mais nítidas e presentes nos discursos delas.

Como continuidade, perguntamos às crianças sobre quem havia sido as primeiras pessoas a jogarem basquete e, a partir daí algumas crianças destacaram que foram os estudantes da escola do Naismith, e um estudante nos respondeu que “não era tudo misturado, as mulheres não jogavam por causa do preconceito dos homens, que não deixavam elas jogarem”. A partir dessa fala, mais crianças começaram a perceber que eram apenas os homens que podiam jogar basquete no momento da criação do jogo, sendo um outro lugar destinado às mulheres, se tendo hipóteses como “as mulheres ficavam do lado de fora” ou “as mulheres ficavam de líder de torcida, por isso elas não jogavam”. Refletindo, ainda, sobre este espaço destinado à mulher, explicamos às crianças que naquele tempo os homens estudavam em uma escola e as mulheres em outra diferente, informação que causou espanto em algumas crianças. Um dos meninos ampliou sua reflexão tentando entender o porquê desta separação, dizendo que separavam “porque eles queriam dar mais oportunidade pros meninos do que pras mulheres, porque naquele tempo era muito preconceito. Elas só jogavam de vez em quando, quando os meninos talvez deixassem”.

Seguindo na discussão, perguntamos quando as mulheres começaram a jogar basquete e como havia sido, e algumas crianças disseram que “tinha uma pessoa que não era preconceituosa com as mulheres e que acreditava nas mulheres, aí essa moda pegou” e “o esporte começou a ficar famoso, aí elas queriam jogar e pediram”. Questionadas sobre para quem elas tinham que pedir, sugeriram que poderia ter sido para alguma liga, para o diretor da escola, para o próprio Naismith ou para uma pessoa que as aceitasse sem excluí-las.

Depois de exporem suas hipóteses, para auxiliar os/as estudantes a compreenderem a importância do direito à experiência e à vivência nas práticas

corporais e, neste caso, no basquete, lemos um texto sobre a origem do basquete feminino - *O desenvolvimento do basquetebol para meninas*<sup>104</sup>.

Em determinado momento do texto, em que Senda Berenson conta que teve que adaptar as regras do jogo para que as famílias das estudantes não considerassem que elas se masculinizariam por estarem fazendo algo considerado para homens, perguntamos às crianças se elas já haviam escutado que determinadas coisas eram para meninos ou meninas. As crianças contaram causos, relatando que ouviram isso de familiares enquanto brincavam com bola, de faz de conta de mamãe e filhinho/a. As crianças demonstraram incômodo quanto à ideia, dizendo que consideravam que não existiam brincadeiras genericadas. Um dos meninos da turma relatou que o apoio da mãe para sua irmã foi muito importante quando ela quis jogar futebol, pois seu pai não a incentivava e dizia que ela deveria fazer práticas de menina. Conversamos, então, sobre a importância dessas redes de apoio e das palavras de incentivo de pessoas próximas, inclusive para fazê-las refletir sobre a importância delas mesmas propagarem entre elas essas palavras de incentivo.

Na sequência da leitura, questionamos o porquê achavam que as regras haviam sido mudadas para a construção de jogos de basquete feminino. Apoiadas no texto, responderam que foi uma estratégia da Senda Berenson para que as famílias não contrariassem as mulheres interessadas na modalidade, criando obstáculos para a participação das mesmas, mas que ela não acreditava necessariamente que as regras dos jogos masculinos e femininos precisavam ser diferentes. Durante a leitura, foi interessante perceber as crianças relacionarem os aspectos trazidos no texto com suas vidas particulares e situações que conheciam.

Após explicarmos a proposta de jogos coletivos que seria realizada naquele dia, um dos meninos da turma disse que escolheria um time bom pois teria meninas nele. Um de seus colegas o interpelou sobre o porquê isso faria do time um bom time, e ele disse que seria pelo fato de ter meni-

---

<sup>104</sup> Texto editado por nós, a partir de vários textos consultados. Disponível em: <http://bit.ly/365Vm9A>. Acessado em: 26/12/2019.

nas. Seu colega lhe respondeu dizendo que existem meninos que também jogam bem e que o gênero não definia isso. Pensamos, a partir daí, que deveríamos levantar nas próximas aulas a ideia de que não devemos escolher as meninas somente porque existe um sentimento de obrigação em incluí-las, mas sim porque as consideramos de fato parte importante para a constituição dos times e para a construção do coletivo.

Fomos para a quadra jogar com times mistos, tendo duas representantes meninas e dois meninos para escolherem. Os meninos escolheram somente meninos e as meninas escolheram majoritariamente meninas, sendo que em um time havia somente meninas. Algumas crianças, ao longo dos jogos, perceberam essa característica e sinalizaram que isso havia ocorrido. Dissemos que deveriam questionar a turma ao fim da aula para que pudéssemos tentar compreender o fenômeno coletivamente.

Começamos a aula seguinte discutindo com as crianças sobre o que elas tinham achado do jogo da aula anterior e pedindo para aquelas/es que haviam escolhido os times explicassem quais foram as estratégias para fazê-lo. Um dos meninos contou que um dos representantes tinha dito que havia escolhido só meninos para ter um time rápido e ágil. Perguntamos, então, se os times somente com meninas ou mistos não poderiam ter essas características. Outro colega respondeu dizendo que fizeram isso com intenção de ganhar os jogos. Uma das meninas respondeu que uma estratégia para um bom jogo era a coletividade, passar a bola para todas as pessoas e deixar que todas participem e também enfatizou que, se existe um jogador muito bom, ele se torna essencial para se ter uma boa partida, mesmo havendo coletividade, pois ele seria o destaque para marcar pontos. Refletimos junto às crianças, quais eram os objetivos dos jogos nas aulas de Educação Física e se de fato um jogador ou jogadora consegue se destacar nestas proporções em meio à coletividade da equipe adversária. Queríamos, através dessas perguntas, perceber quais são os discursos que circulam entre as crianças, mesmo quando não são externados.

Seguimos para a quadra e organizamos jogos de 3x3 para incentivá-las/os a pensar nessas estratégias. No meio da partida, uma estudante demonstrou incômodo ao perceber que, em um dos times, os meninos não passavam a bola para a menina. Quando tivemos o momento de discus-

são sobre os jogos do dia, os meninos disseram perceber que haviam feito isso e, que quando perceberam, mudaram sua postura. Outro menino disse que se sentiu bem no jogo porque acreditou na coletividade e considerou uma estratégia importante incentivar as/os colegas a tentarem fazer cesta. Uma menina da turma disse que outro fator que facilitou a maior participação das crianças durante os jogos foi a redução do número de participantes por equipe, pois dava, segundo ela, maior acesso a todas as crianças que a compunham para jogar. Dessa forma, encerramos a aula levantando os três pontos primordiais que haviam percebido nesses jogos. Destacaram a coletividade, o respeito e o número de jogadores/as. Como proposta de fechamento, fizemos jogos de 4x4 para que pudéssemos observar as crianças jogando após mais reflexões sobre suas práticas.



Jogos reduzidos, vivência com jogos 4x4

Ao longo dos jogos percebemos estudantes que antes não participavam tanto das aulas estavam mais envolvidas/os, as crianças que se destacavam na prática do basquete anunciavam um discurso de acolhimento e respeito com relação a quem dizia ter mais dificuldade. De maneira geral, pareciam mais sensíveis umas às outras. As meninas, muito mais confiantes, sempre faziam questão de exaltar momentos positivos umas das outras. Os meninos que antes tinham um discurso que privilegiava e favorecia a participação apenas dos mais habilidosos nos jogos, demonstravam uma maior visão do coletivo, reconhecimento das diferenças e compreensão da importância de jogar com todas/os as/os participantes da equipe. O estudan-

te que sempre ressaltava aspectos negativos dos jogos ao longo das aulas, disse que se espelhou em um colega naquele dia, pois admirava sua forma calma de jogar e sua facilidade em exaltar aspectos positivos de colegas da turma, e também destacou que naquele dia havia dado muitas assistências para que seus/suas colegas tentassem fazer cestas, e que tentou jogar o mais coletivamente possível.

Ao longo dessa experiência foi possível desenvolver um trabalho muito potente com a turma. Percebemos mudanças importantes na prática das crianças. Não objetivávamos esgotar a discussão, os conflitos e nem acreditávamos ser possível que não houvesse mais tensões no tocante às relações de gênero. Mas pudemos perceber que a parceria desenvolvida gerou reflexões, questionamentos, dúvidas, novas práticas e discursos, novas estéticas de jogo e o mais importante, vontade, por parte das crianças, de ampliar os olhares para o que tange às questões de gênero no basquetebol.